

**A CASA
TOMBADA**
Lugar de Arte, Cultura e Educação



FACONNECT/ A CASA TOMBADA

FÁBIO MIGUEL DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A BIOFANTASIA COMO FORMA DE NARRAR UMA
TRAJETÓRIA DE VIDA E ARTE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Saberes Populares para Arte e Educação na vivência da Carroça de Mamulengos, apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação, sob orientação da Professora Maria Gomide.

Orientadora: Maria Gomide

Coorientadores: Daniela Rosante
Gomes e Giulliano Tierno

Bragança Paulista/SP

2022



Figura 1: Marco Senna, Espetáculo As Lavadeiras: seus contos e encantos, São Bento do Sapucaí, Brasil (2013).

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo fazer uma reflexão sobre a Bio fantasia como uma forma de narrativa de si, do outro, lúdica, poética, que descobri como palavra/termo neste curso de pós-graduação em Saberes Populares para Arte e Educação na Vivência da Carroça de Mamulengos da Faconnect/ A Casa Tombada. Mas como acredito ter me utilizado da Bio fantasia, como sentido, em situações na minha vida e para construir um trabalho artístico, um espetáculo teatral sobre as lavadeiras do rio e seus cantos de trabalho, em 2013, despertou-me o interesse de ampliar a compreensão do sentido, da palavra, do termo Bio fantasia. Considerando este contexto, traço um estudo sobre narrativas existentes que trazem esse nome Bio Fantasia e narrativas paralelas, a fim de estender tal reflexão e compreensão. E para seguir refletindo, trago duas narrativas sobre a minha história de vida profissional, uma em Bio fantasia e a outra não.

Palavras-chave: *reflexão, bio fantasia, narrativas*

Resumen

El presente trabajo tiene como principal objetivo hacer una reflexión sobre la Bio fantasía como una manera de narrar a si, a un otro, con ludicidad, poesía, que he descubierto como palabra/termo en este curso de posgrado en Saberes Populares para El Arte y Educación en la Vivencia de la Carroça de Mamulengos de la Faconnect/ A Casa Tombada. Pero como creo haber utilizándome de la Bio fantasía como sentido en situaciones en mi vida y para construir un trabajo artístico, un espectáculo teatral sobre las lavanderas del río y sus cantos de trabajo en 2013, me ha despertado un interés de ampliar la comprensión del sentido, de la palabra, del termo Bio fantasía. Considerando este contexto, trazo un estudio sobre narrativas existentes que trae este nombre Bio Fantasía y narrativas paralelas, al cabo de extender tal reflejo y comprensión. Y para seguir reflexionando, traigo dos narrativas sobre la historia de mi vida profesional, una en Bio Fantasía y la otra no.

Palabras claves: *Reflexión, Bio fantasía, Narrativas*

Sumário

Introdução.....	6
1 Como me chegou essa tal Bio Fantasia.....	8
1.1 A chegada da Bio Fantasia na minha vida.....	9
2 Da onde vem essa Bio Fantasia	12
3 Traçando paralelos com a Bio Fantasia.....	14
3.1 Autoficção e Bio Fantasia	14
3.2 Oralitura e Bio Fantasia	14
3.3 Escrivência e Bio Fantasia.....	15
3.4 Terapia narrativa e Bio Fantasia.....	15
4. Minha história em duas narrativas	17
4.1 Narrativa formal – Currículo	17
4.2 Narrativa formal- Bio Fantasia curricular.....	17
5. Considerações Finais - Minha Bio Fantasia.....	20
6. Referências.....	24

Introdução

Vivemos contando histórias de nós, sobre nós mesmos, reais, histórias de outras pessoas da nossa ou de outra família, em encontros espontâneos ou agendados, presencialmente, virtualmente, às vezes até inventando, acrescentando algo a essas histórias, porém permitindo sempre que esse contar seja vivo e fluido. O contar dessas histórias nos permite trazer quem somos nós, quem são aqueles que vieram antes da gente, nossos ancestrais, mãe, pai, avós, avós, tias tios, primas, primos, madrinhas, padrinhos, amigas, amigos, irmãs e irmãos biológicos ou de vida.

Essa maneira de narrar/contar, sempre me chamou a atenção, ainda mais quando, no ano de 2013, me propus a desengavetar uma ideia que tinha, já há alguns anos, que era a de montar uma cena teatral contando e representando as antigas lavadeiras do rio, seus contos e cantos.

Anos mais tarde, resolvi cursar uma pós-graduação que contemplasse vários anos de estudos e pesquisa pessoal, vivenciados e voltados para cultura popular tradicional. Enfim encontrei neste curso em Saberes Populares para Arte e Educação nas vivências da Carroça de Mamulengos e nele também descobri a palavra Bio Fantasia. Uma palavra que talvez contivesse o termo, desse nome ao tipo de narrar que me despertou interesse, anos antes, como cito acima.

Sendo assim, acredito ser de grande valia refletir e estender a compreensão sobre esta palavra, este possível termo Bio fantasia. Palavra que conheci primeiramente escrita e que se encontra em livros, entrevistas, sites da internet, geralmente até então junta "*Biofantasia*" e que neste trabalho utilizarei separada, pois em conversa com um dos meus coorientadores Giuliano Tierno¹ que foi também um dos nossos professores da pós-graduação, chegamos a um consenso de que junto, Biofantasia dá o sentido de uma fantasia biológica e Bio fantasia separado, um sentido de fantasiar a própria história. Somente usarei *biofantasia* junto nas citações, respeitando o autor, editor, escritor etc.

A Bio fantasia, apesar da palavra, termo ser pouco conhecido, saber sobre, me parece na prática, ser algo espontâneo, vivenciado todos os dias em múltiplas situações e locais. As Bio fantasias na prática, seriam provavelmente biografias fantásticas familiares, biografias poéticas de si mesmo, de outros contadas, recontadas, aumentadas, porém de maneira não ficcionalizada.

No primeiro capítulo coloco como chegou essa tal de Bio fantasia na minha vida, de que maneira ela me chega. E que não foi como palavra e sim como sentido, ideia.

No segundo capítulo teço e reflito sobre a possível origem da palavra Bio fantasia, onde provavelmente ela foi encontrada pela primeira vez.

Pretendendo seguir na reflexão e tentativa de ampliação da compreensão desse termo, dessa palavra, e atender o objeto desse estudo surgiu a necessidade no terceiro capítulo traçar paralelos com outros tipos de narrativas como a Autoficção, a Oralitura, a Escrivivência e a Terapia Narrativa.

¹ Doutor e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp. Licenciatura plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Sócio-fundador d'A Casa Tombada Lugar de Arte, Cultura, Educação, na cidade de São Paulo. Coordenador Geral dos cursos de pós-graduação d'A Casa Tombada.

Para terminar esse trabalho, porém continuar na compreensão, apresento no último e quarto capítulo dois tipos de narrativas iguais, com o mesmo conteúdo, porém uma mais formal, sem abertura para elementos fantásticos, lúdicos, poéticos e outra ao contrário trazendo poesia e ludicidade.

1 - COMO ME CHEGOU ESSA TAL BIO FANTASIA

Em 2021 ingressei no curso de Pós-graduação: Saberes populares para Arte e Educação na Vivência da Carroça de Mamulengos, onde me deparei pela primeira vez com o termo Bio fantasia, não sabia do que se tratava, mas a palavra em si me trouxe um desejo de estudá-la.

Foi no primeiro semestre do curso, especificamente na quarta aula, no dia 07 de abril de 2021, intitulada “Quem somos nós- pedagogia brincante, memórias de um mestre e Bio Fantasias de nós mesmos”, ministrada pela professora Maria Gomide com a sua filha Ana Gomide de nove anos. Conheci a palavra Bio Fantasia. A aula tratava dos ritos de chegada. Esta aula, como praticamente todas que tivemos na pós, começava com um esquentar, que era uma música de fundo, enquanto íamos adentrando à sala de aula virtual. Nesta não foi diferente. Maria, que era uma das professoras do dia, começou a aula saudando todos nós e dizendo que a música que tocava ao fundo era do Guerreiro² Joana Darc da Mestra Margarida³ e cantada pela própria Mestra. Ressaltou-nos que a conheceríamos na jornada do curso e que o disco, que tocava a música, era um dos discos feito pela Carroça de Mamulengos, a fim de registrar a memória dos mestres, no caso deste, da Mestra Margarida.

Terminada esta breve explanação sobre a música de abertura, a professora Maria Gomide nos disse que falaríamos de chegadas e das pisadas e propôs que colocássemos nossos pés para fora, depois pegássemos e segurássemos um deles. No decorrer disso, foi nos dizendo que os pés eram muito importantes, pois nos dão a direção e que se chegamos aonde chegamos foi porque os nossos pés nos trouxeram. Recomendou-nos um exercício diário de saúde, massagear os pés, porque os pés, além de nos dar direção, contêm neles todas as partes do nosso corpo.

Ainda quando falava sobre os pés e outras coisas mais, foi colocando uma meia colorida, uma sandália, como se estivesse se arrumando para um espetáculo. E estava mesmo, porque, depois de calçar as sandálias, a professora Maria começou a se maquiar e contar a sua história de vida e a da sua família, entrelaçadas à história de vida de outras pessoas, como seus pais chegaram em Juazeiro do Norte, cidade em que vive hoje, e o porquê de terem ido para lá. Das pessoas que foram chegando para compor a sua história, como a do senhor José André dos Santos, mais conhecido como Zezito, artesão que consertava tudo e também era palhaço, o palhaço Pilombeta. Acrescentou que a chegada de Mestre Zezito na vida deles, do Carroça de Mamulengos, foi muito importante. Continuou pintando e relatando como começou a se apresentar nos espetáculos, como as pessoas que paravam para assistir a tratavam e logo começou uma cena com sua filha Ana, para representar a chegada de Pilombeta

² É um grupo de dançadores e cantadores semelhante ao reisado, mas com maior número de figurantes e episódios, maior riqueza nos trajes e enfeites e maior beleza nas músicas.

É um folguedo natalino surgido em Alagoas entre os anos de 1927 e 1929, sendo o resultado da fusão de reisados alagoanos, da chegada, dos pastoris e do auto das caboclinhas.

³ Cantora, compositora, dançarina e brincante. Contribui para a construção de uma memória de manifestações artísticas populares e é figura reconhecida na fundação de grupos, majoritariamente femininos, que atuam como resistência artística na região do Cariri cearense.

nas apresentações dos espetáculos e como tudo começou na vida do Carroça de Mamulengos.

Já um pouco mais da metade para o fim da aula, a professora Maria, junto com sua filha Ana, nos recomendaram uma tarefa. Gravar um vídeo de até dois minutos, uma chegada, uma Bio Fantasia. Que falássemos, como vimos na aula dada, como nascemos, como chegamos nessa vida e depois postássemos na página virtual do curso.

A aula dada com grande maestria, utilizou-se de bons elementos para construir, na prática, uma narrativa de si. Começou falando dos pés porque, como foi dito na aula, são o que nos dão a direção e nos conduzem para o chegar.

O vestir do figurino, o se maquiar, fazia a conexão com a vida da narradora que era artista desde bem criança, a participação de sua filha Ana era para além de contar e homenagear o Mestre Zezito, que transmitiu vários saberes a ela, ao Carroça de Mamulengos; remetia à ancestralidade, ali em voga, e o histórico da professora Maria que estava narrando a sua história e de outras pessoas.

A maneira como conduziu a aula, de forma bem lúdica, poética, com cantoria, personagens alegóricos que ajudaram a trazer as memórias da sua vida e da sua família, caracteriza-se como de fato uma Bio Fantasia, uma narrativa de si, de forma poética, trazendo encanto, leveza, beleza, independentemente se nela há fatos tristes, bons ou ruins, de fato estivemos diante de uma Bio Fantasia, que é o objeto de reflexão desse trabalho.

Participando desta aula, lendo e vendo as postagens das bio fantasias dos colegas de turma, e também a partir da 13ª aula, intitulada como: Inventários e Bio fantasias: viver-brincar-narrar, com a autora Gabriela Romeu⁴, fui refletindo, e querendo entender o que é uma Bio fantasia. Fui também percebendo a possibilidade de ter me utilizado da Bio fantasia no percurso da minha vida e principalmente quando fiz a dramaturgia e a direção do espetáculo “As Lavadeiras: Seus Contos e Encantos”

1.1 A CHEGADA DA BIO FANTASIA NA MINHA VIDA

A Bio fantasia chegou primeiro como sentido na minha vida, depois chegou como conceito. Houve um tempo que precisei mergulhar em minha história de forma profunda e intensa. Em 2012, passei por alguns problemas de saúde, estive internado por mais um mês para investigar a razão estar perdendo músculos. Graças a Deus, Deusas, Deuses, Santas e Santos, os Orixás e toda a equipe hospitalar, descobriram o motivo. Como perdi mais músculos nos membros inferiores, não conseguia mais andar, tornava-se então inevitável que eu encontrasse uma forma de recuperar a força muscular. Com a ajuda de familiares, amigos, amigas, fisioterapeutas e muita força de vontade, fui me recuperando. Voltei a lecionar, mesmo na cadeira de rodas, e em meio a tudo isso, resolvi desengavetar uma ideia que havia tido há algum tempo, montar um espetáculo sobre as lavadeiras do rio e seus cantos de trabalho.

⁴ Jornalista, documentarista e escritora, especializada em produção cultural para infância, com vinte anos de atuação em projetos que abordam temáticas infantis e desenvolvidos em diferentes plataformas, como livros, documentários, sites e exposições.

Essa ideia surgiu quando participei de uma oficina, em 2006, pela Oficinas Culturais do Estado de São Paulo⁵, com o título “O Canto das Lavadeiras”, onde consequentemente integrei a apresentação de finalização. Foi nesse momento, também, que conheci o poema: *Todas as Vidas*, da escritora goiana Cora Coralina⁶. Foi quando surgiu uma vontade de falar das mulheres que lavavam roupa no rio e seus cantos.

No início de 2013, logo após deixar o hospital, ainda me movimentando com cadeira de rodas, convidei algumas mulheres de 20 a 35 anos, com as quais já havia feito algum trabalho cultural/artístico anteriormente, para a montagem de um espetáculo. Nos nossos primeiros encontros propus às cinco atrizes que fizessem uma pesquisa com as mulheres de suas famílias, sobre o trabalho de lavar roupa, se suas avós ou bisavós lavaram roupa no rio, se alguma havia sido lavadeira de profissão, de quando chegou o tanque feito de concreto, a água encanada, os tanques de plástico e quando começaram a lavar roupas em máquinas de lavar, tanquinho elétrico...

Montamos o espetáculo “As lavadeiras: seus cantos e encantos”, que estreou no ano de 2013, cuja a dramaturgia foi construída com base em histórias orais que cada atriz havia pesquisado. Anos depois percebi que tais narrativas se tratavam de bio fantasias, de si mesmas e de seus familiares e antepassados. Assim percebo hoje que a Bio fantasia me chega primeiro como sentido, e depois como um termo.

⁵ Espaços culturais gerenciados pela Poiesis – Instituto de Apoio à Cultura, Língua e Literatura, são ferramentas de difusão e formação cultural para todos os municípios paulistas. O projeto das Oficinas Culturais foi idealizado em 1986. A partir daí, teve início um processo de formação cultural que culminou na criação de outras unidades.

⁶ Pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889 — Goiânia, 10 de abril de 1985), foi uma poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade, apesar de escrever seus versos desde a adolescência.



Figura 1: Marco Senna, Espetáculo As Lavadeiras: seus contos e encantos, Poá, Brasil (2013).

Talvez uma das características da Bio fantasia seja nos despertar para visitarmos a nossa própria história, como chegamos a este mundo, nesta vida, de modo que possamos criar laços de pertencimento profundos. Assim, percebi que o espetáculo que montei anos antes foi construído em linguagem teatral como uma Bio fantasia. O processo de montagem, junto com as atrizes, começou com exercícios cênicos práticos, para trazer aquelas histórias para a cena. As histórias surgiram de maneira poética, viva e singela, utilizei elementos da cultura popular e alimentos tradicionais.

Ouvir e ler as Bio fantasias trazidas pelas atrizes me trouxe força para seguir me recuperando, pois traziam histórias de vida de luta, de sacrifício, mas ao mesmo tempo, de leveza, pois havia canto, havia ludicidade, poesia em meio a tudo aquilo. Assim, fui só melhorando no decorrer do processo de construção do trabalho artístico. Deixei a cadeira de rodas, passei para o andador, depois para a bengala e por fim, na estreia do espetáculo, já estava conseguindo andar um tanto bom sem auxílio. Consegui até arriscar uns passos de dança dentro da peça.

2. Da onde vem essa Bio fantasia

Aparentemente, a primeira vez que a palavra Bio fantasia foi utilizada na literatura está registrada no título do livro publicado em 1993, “Te dou a lua amanhã Biofantasia de Mário de Andrade”, de Jorge Miguel Marinho⁷.

Em entrevista com Jorge Miguel Marinho pela Revista Educarede, publicada em 21 de maio de 2013, a jornalista Priscila Gonsales⁸ descreve o conceito do termo bio fantasia como: “texto literário que narra a biografia real de uma personalidade por meio de recursos da ficção”.

Em 2021, ao ingressar no curso de pós-graduação ministrado pela Carroça de Mamulengos, fui presenteado com o livro: “Álbum de Família – Aventuras, Memórias e Efabulações da Trupe Familiar CARROÇA DE MAMULENGOS”.

Gabriela Romeu⁹ foi professora do curso, e durante entrevista me relatou que utiliza a bio fantasia por intermédio de sua editora Renata Farah Borges, que trouxe o termo por causa do autor Jorge Miguel Marinho, que usou no livro citado acima, no primeiro parágrafo deste capítulo.

A Gabriela me disse que vem usando esse termo para falar da relação entre a fantasia e a realidade e a ficção e a não ficção.

E 01 de março de 2020, na revista impressa e digital Quatro Cinco, um texto intitulado “**Álbum de uma trupe familiar** - Retratos do grupo teatral Carroça de Mamulengos revelam uma vida em permanente estado de mudança”, Cristiane Tavares¹⁰ escreve:

“Biofantasia”

“Como que dando à luz novas histórias, enredado pelo imaginário contagiante que perpassa a biografia familiar, o gênero textual é definido pela editora Renata como “biofantasia”, inspirada em Jorge Miguel Marinho [Te dou a lua amanhã – biofantasia de Mário de Andrade, 1993]. A autora diz apreciar o termo; “Não gosto de usar ‘não ficção’ para definir o que venho fazer, que é transitar pelas estradas da realidade e transformar encontros em histórias. Por que é preciso negar para definir, afirmar? É mais um recontar do que um não ficcionalizar, ainda que o ponto de partida sejam os elementos /fragmentos da realidade”. (Tavares, 2020)

⁷ cursou Letras e mestrado na USP, foi professor de Literatura, coordenador de oficinas de criação literária, roteirista escritor e ator.

⁸ Máster em Educação, Família e Tecnologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca (Espanha) e Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP, pós-graduada em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP, especialista em *Design Thinking* pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e jornalista pela Cásper Líbero. É doutoranda em Linguagens e Tecnologias na UNICAMP.

⁹ Jornalista, documentarista e escritora, especializada em produção cultural para infância, com vinte anos de atuação em projetos que abordam temáticas infantis e desenvolvidos em diferentes plataformas, como livros, documentários, sites e exposições.

¹⁰ Crítica literária, coordena a pós-graduação Livros, Crianças e Jovens: teoria, mediação e crítica no Instituto Vera Cruz (SP).

A minha compreensão é de que Bio fantasias são histórias de vida e biografias não ficcionalizadas. As memórias reais podem ser contadas de forma fantástica, poética e lúdica e utilizando meios da ficção, e isso pode ampliar a percepção da própria realidade. Também percebo que é uma forma de narrar, genuinamente vivências do fazer popular, do que é passado de geração em geração, da vontade de um narrador transmitir ao outro aquilo que se vive e viveu.

Para Benjamin (1987, p.198 a 199):

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E, então, as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos que se interpenetram de várias maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito o que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador alguém que vem de longe. Mas escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e conhece suas histórias e tradições.

Seguindo na percepção das narrativas e do narrador, entendo que o narrador na Bio fantasia posso ser eu, pode ser você, uma pessoa anônima qualquer que queira contar as experiências de vida a outro, experiências vividas por ele mesmo ou por outrem, independentemente de ela ser uma narrativa escrita ou oral, pois segundo o autor da citação acima, das narrativas escritas, as melhores são as que menos se diferenciam das narrativas orais.

Considerando que a Bio fantasia é um termo pouco conhecido. No próximo capítulo quero fazer paralelos com outros termos existentes que possivelmente se assemelham e podem ampliar a compreensão desta palavra.

3. Traçando paralelos com a Bio Fantasia

Neste capítulo trago alguns termos com conceitos parecidos, semelhantes ao da Bio fantasia, a fim de traçar paralelos que potencializem a compreensão do termo Bio fantasia, algo que busco, neste trabalho, compreender de fato, e utilizá-lo como motivação de se contar sua própria história, a dos seus familiares e amigos.

3.1 Autoficção e Bio fantasia

A autoficção se caracteriza pela narrativa de si mesmo, onde se narra acontecimentos vividos pelo autor, usando a ficção para contá-los. Quando busquei na wikipédia o termo autoficção encontrei:

De acordo com Igor Ximenes Graciano¹¹, o termo autoficção foi usado pela primeira vez por Serge Doubrovsky, no romance Fils, para conceitualizar o conjunto de obras literárias que apresentam passagens da vida ou, até mesmo, características físicas e psicológicas do autor em um contexto claramente ficcional.

Autoficção é um termo usado na crítica literária para se referir a uma forma de autobiografia ficcional. Serge Doubrovsky¹² cunhou o termo em 1977, com referência ao seu romance Fils. Autoficção combina dois estilos, paradoxalmente contraditórios: a de autobiografia e ficção.

No meu entendimento, a autoficção está mais para ficção do que para realidade, ao contrário da Bio fantasia que está mais para realidade do que pra ficção, talvez esse seja um ponto fundamental. A autoficção parte da ficção para narrar os acontecimentos vividos pelo autor da mesma. A Bio fantasia está voltada para o que realmente se viveu, com uma lente de aumento lúdica para algumas situações, mas não com o intuito de se ficcionalizar, podendo inclusive descrever de forma mais real tais narrativas.

3.2 ORALITURA e BIO FANTASIA

A oralitura é um jeito de narrar que se utiliza da voz, do corpo e da performance para contar uma história vivida por alguém, por um grupo, voz em movimento.

Para Martins (1997, p.21): A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei

¹¹ Professor adjunto de Teoria da Literatura da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), é mestre em Literatura pela UnB e doutor em Estudos de Literatura pela UFF. Desenvolve pesquisas a respeito do escritor como personagem, com enfoque nas relações entre a ficção e os discursos biográfico, crítico e político na prosa romanesca contemporânea.

¹² Serge Doubrovsky (1928) é romancista, professor, tradutor, crítico e teórico da literatura. A pluralidade que caracteriza sua carreira faz com que seus escritos rompam as fronteiras entre os gêneros, e faz deles um exercício escritural sistemático e tautológico: ele chega a escrever ensaios sobre os próprios romances, e a fazer referências, em seus romances, aos seus ensaios – dando ao conjunto de sua obra um caráter tanto híbrido (entre os gêneros) quanto auto-referente e redundante.

oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (littera), sublinhando ainda no termo seu valor de litora, rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas.

Continua Martins (2003, p. 77): O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimento culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora, uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo.

Percebo que a oralitura se aproxima da bio fantasia, no que diz respeito ao narrar sobre si, um sujeito e sua coletividade, de maneira a expressar uma história viva, vivenciada. No entanto, a oralitura imprescindivelmente se utiliza do corpo junto com a voz, através da performance, como a autora mesma nos descreveu para sua narrativa.

3.4 ESCREVIVÊNCIA e BIO FANTASIA

O termo escrevivência foi criado pela escritora Conceição Evaristo¹³. Em uma entrevista dada à jornalista Ana Paula Acauan¹⁴ para Revista PUCRS, em 2017, e publicada por ela, Conceição descreve o termo como:

“Vinha maturando ao longo do tempo. Em 1994, na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra escrever. Mais tarde comecei a usar escrevivência. Em 2005, se não estou enganada, estive num seminário sobre mulher e literatura, no Rio de Janeiro, e houve uma mesa de escritoras bem diversa. Terminei meu relato dizendo que nossa escrevivência não era para adormecer a casa-grande, e sim para acordá-la de sonos injustos. A partir do momento em que esse texto foi publicado nos anais do evento, foi ganhando mais leitores e interesse. O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências.”. Evaristo, 2017

Vejo grande proximidade da Escrevivência com a Bio fantasia, pois as duas partem da ideia de narrar sobre as vivências de si mesmo. A escrevivência, como nos coloca Evaristo: “escrever-se vendo e escrever vendo-se”, escreve se

¹³ É uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra.

A autora, que publica poemas, ficção e ensaios, nasceu no dia 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais.

¹⁴ Jornalista/Escritora/Professora de Língua Portuguesa
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

utilizando da ficção. A Bio fantasia está interessada mais na realidade, se utiliza de meios da ficção, e mais de ludicidade.

3.5 Terapia narrativa e Bio fantasia

Seguindo na compreensão da Bio fantasia, acredito que ela possa fazer paralelos com a Terapia Narrativa¹⁵ porque as Bio fantasias consistem em uma narrativa, e também porque ela pode ser terapêutica, quando colocamos para fora o nosso narrar, nossas dificuldades, problemas, sentimos um certo alívio, ficamos mais leves. A Terapia Narrativa diz que quando nos deparamos com as narrativas das pessoas, conseguimos separar os problemas da vida e as pessoas, pois percebemos que cada uma tem aptidões, competências, habilidades, que ajudam a reduzir as influências dos problemas na vida daquela pessoa.

Morgan (2007, p. 11) A terapia narrativa procura ter um enfoque respeitoso e sem culpas para aconselhamento e trabalho comunitário, que centra as pessoas como peritas das suas próprias vidas. Ela vê os problemas como separados das pessoas e assume que as pessoas têm diversas aptidões, crenças, valores e habilidades que as ajudam a reduzir a influência dos problemas nas suas vidas.

A terapia narrativa procura o ser que conta a história dos seus problemas, foca no narrador, valorizando suas positivities para as resoluções dos problemas cotidianos.

¹⁵ A terapia narrativa é uma forma de psicoterapia que utiliza a narrativa. Foi desenvolvida inicialmente durante os anos 1970 e 1980, pelo assistente social Michael White (australiano) e o antropólogo David Epston (neozelandês).

4 Minha história em duas narrativas

Neste capítulo, como exemplo, vou apresentar a minha história em duas narrativas distintas: uma escrita na terceira pessoa, formal, para um trabalho, para uma etapa de processo seletivo a fim de conseguir um emprego e outra, experimentando a linguagem da Bio fantasia, escrita em primeira pessoa, utilizando a ludicidade, a fantasia, a poesia, uma forma de narrar, que pelas reflexões feitas ao longo desse trabalho, acredito trazer mais a minha realidade de fato, minhas características, meu eu de forma mais profunda e menos superficial do que uma narrativa de um currículo, por exemplo.

4.1 Narrativa formal - Currículo artístico

Nascido na grande São Paulo, em uma região chamada Alto Tietê, em Ferraz de Vasconcelos, morou até os trinta seis anos em Poá, em Ferraz apenas nasceu. Há pouco mais de seis anos mudou-se para São Bento do Sapucaí, na Serra da Mantiqueira. Iniciou na área cultural e educacional há mais de vinte anos e nesse período atuou como professor de línguas em escolas do estado, particulares e associações culturais, bem como agente recreativo em escolas da prefeitura de São Paulo, monitor de oficina de dança popular brasileira, diretor, ator e músico de espetáculos teatrais. Graduou-se em Licenciatura/Letras Português e Espanhol, pela Universidade Braz Cubas, em Mogi das Cruzes, no ano de 2002. De 2004 a 2010, cursou várias oficinas culturais: dança afro-brasileira, danças brasileiras, dança contemporânea, dança de salão, dança flamenca, teatro e interpretação.

Dirigiu e trabalhou como ator amador, coreógrafo, músico e dançarino nos espetáculos “Santo que Alumeia Nosso Canto” na cidade de Poá (2002 a 2005) e “Santos Reis Vem à Tona Que Nossa Cultura Não É Pouca” nas cidades de Suzano e Poá (2006 a 2011); como monitor de oficinas de danças brasileiras para educadores da Secretaria de Educação de Suzano, no Projeto Roda de Todos os Santos, em 2007 e 2008. Atuou nos espetáculos “Passos da Paixão” - direção Lidiane Santos Rodrigues e Fernandes Júnior, na cidade de Poá (2005 a 2010), “Árvore Mãe” - direção de Breno Villas Boas (2010 a 2011). Como diretor e músico, participou do espetáculo “As Lavadeiras: seus Contos e Encantos” (2013 e 2014). Coreografou o espetáculo “Passos da Paixão” - direção Lidiane Santos Rodrigues e Fernandes Júnior, na cidade de Poá, com a temática da Cultura Popular, em 2014 e também como diretor, músico e dançarino no espetáculo “Foliar: Heranças de lá pro povo de cá” (2015 até a presente data), na cidade de São Bento do Sapucaí. Hoje participa também dos grupos musicais Patchouli e Forró de Rabeca, na percussão.

4.1 Narrativa informal - Bio fantasia curricular

Nasci no dia 08 do mês das deliciosas e animadas festas juninas, próximo ao dia de um dos chamados Santos Fortes. Santo Antônio, o santo casamenteiro, ao qual várias e vários fazem promessas para conseguirem uma companheira, um marido perfeito. Nasci em uma região chamada Alto Tietê, pois é banhada por um dos rios mais famosos e infelizmente mais sujos do estado de

São Paulo, na cidade de Ferraz de Vasconcelos. Em Ferraz apenas nasci, porque em Poá, que foi a cidade onde morei até os trinta e seis anos, não havia maternidade. Mudei para São Bento do Sapucaí, na Serra da Mantiqueira, a Serra que chora. Iniciei na área cultural e educacional há mais de vinte anos e nesse período atuei como professor de línguas em escolas do estado, particulares e associações culturais, bem como agente recreativo em escolas da prefeitura de São Paulo, monitor de oficina de dança popular brasileira, diretor, ator e músico de espetáculos teatrais. Me graduei com muito esforço, perseverança e ajuda de todos Santos, Santas, Orixás, Deuses e Deusas em Licenciatura/Letras Português e Espanhol, pela Universidade Braz Cubas, em Mogi das Cruzes, no ano de 2002. De 2004 a 2010 brinquei em várias oficinas culturais: dança afro-brasileira, danças brasileiras, dança contemporânea, dança de salão, dança flamenca, teatro e interpretação.

Dirigi e trabalhei como ator amador, coreógrafo, músico e dançarino nos espetáculos “Santo que Alumeia Nosso Canto” na cidade de Poá (2002 a 2005) e “Santos Reis Vem à Tona Que Nossa Cultura Não É Pouca” nas cidades de Suzano e Poá (2006 a 2011); como monitor de oficinas de danças brasileiras e brincadeiras para educadores da Secretaria de Educação de Suzano, no Projeto Roda de Todos os Santos, em 2007 e 2008. Atuei nos espetáculos “Passos da Paixão” - direção Lidiane Santos Rodrigues e Fernandes Júnior, na cidade de Poá (2005 a 2010), “Árvore Mãe” - direção de Breno Villas Boas (2010 a 2011). Como diretor e músico, participei e brinquei no espetáculo “As Lavadeiras: seus Contos e Encantos”, em 2013 e 2014. Coreografei as danças e brincadeiras tradicionais no espetáculo “Passos da Paixão”, com a temática da Cultura popular brasileira, vários seres humanos e seres humanas - direção Lidiane Santos Rodrigues e Fernandes Júnior, na cidade minha cidade natal e joia, como também é conhecida, em 2014. E também como, diretor e brincante no espetáculo “Foliar: Heranças de lá pro povo de cá” (2015, até a presente data) na cidade de São Bento do Sapucaí, apresentando em toda Serra que chora, levando alegria, danças e cantorias. Hoje, participo também dos grupos musicais Patchouli e Forró de Rabeca na percussão.

Acima, utilizei-me de duas narrativas diferentes, porém com o mesmo objetivo de contar uma trajetória de vida profissional, de estudos, acadêmica. Uma sem ficção, sem ludicidade, sem poesia, fincada totalmente na realidade nua e crua e a outra trazendo as mesmas informações, porém com fantasia, trazendo ora elementos da ficção, ora elementos da realidade.

As duas narrativas que apresentei são importantes, um currículo formal, onde a espontaneidade é difícil de ser posta e uma narrativa em Bio Fantasia curricular, espontânea, de certa forma, porém ainda com a preocupação do julgamento dos outros, independentemente de ser um currículo ou uma Bio Fantasia curricular, pois o objetivo é conseguir uma vaga de emprego, uma colocação no mercado de trabalho formal.

Então, para concluir esse trabalho, vou narrar a minha Bio fantasia de fato, apesar da Bio fantasia curricular já trazer elementos da ficção. Trarei um narrar que eu quero apresentar da minha realidade, utilizando-me da ficção, da invenção ou não, da ludicidade, da poesia, que a Bio fantasia traz, da Terapia narrativa, da Oralitura, da Autoficção, da Escrivivência, que ao longo do

trabalho percebemos serem complementares e que a Bio fantasia engloba todas elas. Vamos bio fantasiar.

Minha Bio Fantasia

Meu nome é Fábio Miguel da Silva, sou filho de Nair Lucas da Silva e João Miguel. Neto de Sebastiana Adriana, José Vitor Lucas, Maria da Conceição e Sebastião Miguel. Também bisneto de D. Maria, que não conheci pessoalmente, mas que casou três vezes e enterrou os três maridos e continuou vivinha da Silva em busca do quarto.

Eu nasci no mês dos chamados Santos fortes, Santo Antônio, São João e São Pedro, mês de fogueira, muita festa e quentão. Sou o sexto filho de 8 que minha mãe teve, porém que vingaram apenas 5, pois três faleceram com pouco dias ou meses, todos eles do sexo masculino.

Eu acabei sendo o único do sexo masculino que teve a oportunidade de nascer, crescer, estudar, ou seja, seguir, pois destes somente eu que vinguei. Descobri conscientemente que fazíamos aniversário todo ano, quando fiz seis anos, minha mãe me chamou até a sala, meu pai também estava presente e ela me disse, hoje é seu aniversário, está completando mais um ano de vida. Voltei depois para brincar no quintal, feliz, dizendo que era meu aniversário, falando a todos que chegavam em casa ou passavam pela rua.

No ano seguinte a este acontecido, a esta descoberta, entrei na escola formal, foi minha mãe que me levou pela primeira vez à escola e pelo que eu me lembro, todas as vezes que foi necessário, não só eu, como minhas irmãs especiais. Era o tempo em que os pais trabalhavam fora e as mães se viravam com o resto das tantas outras coisas.

Mamãe me deixou lá na Escola Estadual Maria Aparecida Ferreira, na qual estudei desde o 1º grau - hoje ensino fundamental - até os três últimos anos do 2º grau, atualmente Ensino Médio. A memória para determinadas situações me parece até engraçada, porque apesar de fazer tanto tempo, eu me lembro desse dia como se fosse hoje, lembro da roupa que usei, o que levei, quem estava na sala de aula, da professora e seu nome. Eu levava uma pasta azul contendo um caderno de brochura, lápis, borracha e um pão francês com manteiga que minha mãe havia preparado com tanto amor, paciência e carinho.

Sempre gostei da escola, por isso estou nela até hoje. A meu ver um dos melhores lugares do mundo, um dos principais lugares para se aprender, ensinar, se descobrir em vários aspectos. É um local onde construímos belas, boas e longas amizades. Para muitos, é onde nos apaixonamos pela primeira vez, damos o nosso primeiro beijo escondido. Foi na escola onde aprendi e aprendo muito ainda, mas infelizmente ou felizmente, dependendo do ponto de vista, não somente o que é bom. Foi nela que me deparei pela primeira vez com o racismo, o preconceito, a discriminação, a estigmatização, a não aceitação, porém foi nesta mesma escola que comecei a lutar contra esses comportamentos nada positivos para consigo mesmo e os outros. Mas acredito que a escola ainda tem muito a contribuir para vida do ser humano, para sociedade como um todo.

Uma das armas que aprendi a usar enquanto estava na escola e continuei depois que sai dela, como aluno, e voltei a usar dentro dela quando me tornei

professor, foi a Arte. Quando estava no 2º ano do ensino médio, tive uma professora negra de história, quero enfatizar isso, porque tive somente três professoras negras em toda minha vida escolar e apesar de fazer tanto tempo, ainda há muitos poucos professores negros nas escolas, nas escolas públicas ainda encontramos alguns, nas particulares é muito raro. Voltando à minha professora de história. Ela disse em sala que gostaria de celebrar o Dia da Consciência Negra na escola, fazer algumas discussões, dizer o porquê desse dia.

Mesmo sem saber muito bem do que se tratava, reuni com alguns amigos que faziam alguma atividade com referência negra. Havia um grupo que fazia capoeira, outro que cantava rap, outro que fazia dança afro, outro que liderava algum grupo de jovens ou algo parecido. Sentamo-nos, conversamos e resolvemos fazer algumas ações. A professora entrou com a parte histórica e nós produzimos a parte artística entre nós e pessoas convidadas fora da escola.

O evento foi maravilhoso, teve palestras, discussões, grupo de samba, samba de roda, capoeira e a dança afro, que ensaiamos entre nós alunos com a ajuda de uma professora de dança que dava as aulas que uma das nossas amigas fazia. Essa produção, esse evento, foi um grande despertar na minha vida, um despertar ao que é ser negro, ao que é ser negro no Brasil e no mundo.

Bom, essa foi minha primeira ação artística propriamente dita, de ensaiar, apresentar, mas me deparo com a arte desde que me entendo por gente, principalmente a arte popular tradicional, aquelas vezes em que os agentes desta arte popular nem se dão conta de que estão fazendo arte. Vivenciava com os meus tios, tias, pais, avós, o Calango mineiro, manifestação tradicional de Minas Gerais. Geralmente meus tios e tias, principalmente os paternos, se reuniam no aniversário de minha avó paterna Maria da Conceição. Era uma festa com muita gente, talvez a única que conseguia reunir todos os meus tios e tias, irmãos, com suas famílias formadas. O bolo tinha mais ou menos um metro de largura, por muitos anos quem o fez foi minha mãe, D. Nair, cozinheira e doceira de mão cheia. Meu pai, João Miguel, era um dos organizadores, ficava por conta de ir à casa dos irmãos e irmãs, para saber como cada um poderia contribuir para a festa. Meu tio, José Miguel, o primogênito, era o tocador de sanfona, aprendeu com o Vô Bastião, seu pai. Era ele quem organizava e puxava o Calango. Tio José esteve conosco até pouco tempo atrás, neste plano, infelizmente foi uma das vítimas da Covid19, falecendo em maio de 2020. Faziam recorrentemente, todos os anos, esta festa, até o falecimento de minha avó em 1994. Quantas saudades desta festa.

Na época em que aconteciam as festas de aniversário de Vó Conceição e os Calangos, eu não tinha muita noção da importância daquele movimento todo que acontecia à minha volta. Fui me dar conta quando já havia me formado no ensino médio e estava no primeiro ano da faculdade de Letras - Português/Espanhol, quando fui entender melhor o que era cultura, da qual havia tido algumas pinceladas de entendimento do movimento que fizemos sobre a consciência negra, que narrei aqui, em alguns parágrafos anteriores, porém com mais intensidade desta vez.

Uma Associação Cultural chamada Opereta, que se situava e ainda se situa na minha cidade de origem, Poá-SP, promovia um evento com o nome de

Faces da Arte, onde ocorriam várias apresentações de todos os segmentos de arte. Assisti a um espetáculo com Cia. Folclórica, até então chamada Notas do Coqueiro, que apresentou o espetáculo “Santo que Alumeia Nosso Canto”, releituras de manifestações da cultura tradicional. Quando terminou o espetáculo, virei para minha namorada na época, que havia ido comigo assistir, junto com sua irmã e lhes disse: “Hoje estou mais rico”, espontaneamente. Percebi que naquele dia estava mais rico de saberes, saberes de meu país, de minha origem ancestral, algo assim, posso dizer que inexplicável. Acabei, depois de alguns meses, conhecendo um dos diretores e coordenador deste espetáculo, pois fomos trabalhar juntos em uma mesma escola de um dos bairros de Poá e ele acabou me chamando para participar, daí em diante não parei mais com pesquisas e trabalhos dentro dessa atmosfera.

Quando integrei o grupo, ele tinha um ano de existência, permaneceu por mais dois anos em atividade e se desfez. Percebendo e sentindo a importância de tal trabalho resolvi me apropriar do próprio e continuar. Chamei algumas pessoas que faziam parte de um grupo de jovens da igreja católica de que eu participava e que criamos uma Folia de Reis posteriormente, pois já fazíamos novenas de natal nas casas das pessoas, com uso de tambores, violão, pandeiros, e músicas dançantes, também porque já estava fazendo parte da Cia. Folclórica citada acima e algumas pesquisas.

A Folia de Reis que ajudei a fundar com alguns amigos desse grupo de jovens e que depois agregamos mais pessoas diversas, da área da música, do canto, do teatro, da dança, donos e donas de casa, garis, professores etc., perdurou por vários anos. Eu fiquei coordenando a Folia de Reis de Poá, que no terceiro ano de sua jornada passou a ser chamada de Estrela da Alegria, por 14 anos. Depois, a fim de continuar o trabalho feito pela Cia. Folclórica Notas do Coqueiro, com algumas pessoas que já estavam participando da Folia, surgiu a Cia. Folclórica Foliastro, que ficou em atividade de 2003 a 2013.

Em meio a tudo isso, me casei, me separei, amiguei e tive uma filha e por causa dela, a mãe dela e eu resolvemos vir morar em São Bento do Sapucaí, na Serra da Mantiqueira paulista, no fim de 2014, e em 2015 montamos, a Cia. Baú de Folias, juntamente com pessoas de um grupo de teatro amador da igreja católica e um pouco adiante, a Folia de Reis de São Bento do Sapucaí, entoando cantorias pelas ruas e praças da cidade, loas ao Menino Jesus, sua mãe Maria, seu pai José, e levando muita alegria, músicas e danças aos donos, donas das casas, crianças, escolas e centros culturais.

Em 2016, onde fizemos nosso segundo giro, a Folia de Reis de São Bento do Sapucaí passou a se chamar Folia de Reis Luz de Belém. Luz de Belém já conseguiu fechar seu primeiro ciclo de sete anos em 2021 e continua suas atividades, pronta para começar seu segundo ciclo. Neste mesmo ano, em meio a esta cidade linda, de montanhas e cachoeiras, nasceu nossa segunda filha Violeta Luz, para compor o jardim onde Rosa Morena, a primeira filha, florescera.

Ingressei no curso de pós-graduação em Saberes populares para arte e educação nas vivências da Carroça de Mamulengos no ano de 2021, curso maravilhoso de aprendizados mil e que me despertou para esse estudo sobre Bio fantasias.

Hoje, desamigado, compartilho a criação, o cuidado das duas filhas lindas, flores a mim ofertadas, e sigo neste trabalho afim de que ele seja finalizado.

Referências

Acauan, Ana Paula (2019). *Esse Lugar Também é Nosso*. Porto Alegre: [Consulta 2022 – 09- 06]. Disponível em <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>.

BENJANMIN, Walter. *Magia e Técnica Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

Coralina, Cora. *Meu Livro de Cordel*. 10ª edição. São Paulo: editora Global, 2002.

Gonsales, Priscila (2013). Jorge Marinho conta sua história. São Paulo, Brasil. [Consulta 2022 – 08 – 22]. Disponível em <https://www.aberta.org.br/educarede/2013/05/21/jorge-marinho-counta-sua-historia/>

MARINHO, Jorge Miguel. *Te Dou a Lua Amanhã*. São Paulo: Editora FTD, 1993.

MARTINS, Leda Maria. *Performances da Oralitura*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MORGAN, Alice. *O que é Terapia Narrativa?* Porto Alegre: Editora Pacartes, 2007.

Nogueira, Luciana Persice (2016). *A AUTOFICÇÃO DE S. DOUBROVSKY E O REGISTRO DA MEMÓRIA DE SI: OBRA EM SI BEMOL*. Rio de Janeiro, Brasil. [Consulta 2022– 11- 29] https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491572180.pdf

ROMEY, Gabriela. *Álbum de Família: memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2019.

Senna, Marco (2013). *Espetáculo As Lavadeiras: seus contos e encantos*, São Bento do Sapucaí, Brasil. [Consulta 2022 – 10 – 20] Fotografia. Disponível em <https://www.facebook.com/people/Cia-da-Rosa/100064506139783/?sk=photos>

Senna, Marco (2013). *Espetáculo As Lavadeiras: seus contos e encantos*, São Bento do Sapucaí, Brasil. [Consulta 2022 – 10 – 25] Fotografia. Disponível em <https://www.facebook.com/people/Cia-da-Rosa/100064506139783/?sk=photos>

Tavares, Cristiane (2020). *Álbum de uma trupe familiar - Retratos do grupo teatral Carroça de Mamulengos revelam uma vida em permanente estado de mudança*. São Paulo, Brasil. [Consulta 2022 – 08 – 25]. Disponível em <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/literatura-infantojuvenil/album-de-uma-trupe-familiar>.

Graciano, Igor Ximenes ([2000?]). *Grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea*. Brasília, Brasil. [Consulta 2022 – 09 – 25]. Disponível em <https://www.gelbc.com/igor-ximenes-graciano>.

<https://bocadoceu.com.br/novo/giuliano-tierno/>([2020?]). (Consulta 2022 – 11-24)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerreiro_\(folgado\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerreiro_(folgado)). ([2020?]). (Consulta 2022 – 11- 25)

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641414/mestra-maria-margarida>. (2021). (Consulta 2022 – 11- 29)

<https://oficinasulturais.org.br/>. (2022). (Consulta 2022 – 11- 29).

<https://educadigital.org.br/priscila-gonsales/>. ([2020?]). (Consulta 2022 – 10-25).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Autofic%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Autofic%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20termo%20usado,a%20de%20autobiografia%20e%20fic%C3%A7%C3%A3o>. [(2000?)]. (Consulta 2022 – 08- 22).